

Vencendo a inércia

Mesmo insuflada por um explosivo crescimento populacional nos últimos anos, consequência da intensificação das migrações internas, Brasília se empenha em manter as características com as quais foi projetada. Recebe novos encargos e desafios, mas precisa preservar seus fundamentos urbanísticos e arquitetônicos. Depende da geração em massa de empregos, mas não pode estimular atividades econômicas poluentes.

Posicionada entre estados que dispensam cuidados tão intensos com a preservação do meio ambiente, e que não se submetem às exigências de um crescimento urbano disciplinado, a capital federal fica em posição de evidente desvantagem frente aos seus vizinhos. Tanto é verdade que estados que a cercam, como Goiás e Minas Gerais, têm conseguido desenvolver suas economias em níveis

superiores à média nacional. Tanto Goiás quanto Minas, com seus incentivos à industrialização e beneficiando-se de um fenômeno que se poderia chamar de saturação de São Paulo, passaram a receber elevados investimentos que lhes garantem uma economia cada vez mais sólida.

Justamente os incentivos fiscais, a oferta de crédito e facilidades para a instalação de novas indústrias fazem a diferença entre o Distrito Federal e seus vizinhos. Participantes de uma acirrada competição em busca de capitais, os estados chegam a estabelecer entre si uma concorrência predatória, à qual Brasília não tem interesse ou não vê vantagens em ingressar. Nesse ambiente, a única discussão consequente que se encontra tem relação com a criação de um mercado comum do Centro-Oeste, abarcando o DF, Goiás, Mato Grosso, e Acre e Rondônia

mais ao Norte, que pode garantir mercados aos produtos gerados em Brasília.

Em qualquer hipótese, porém, o Distrito Federal precisa definir, em detalhes e com urgência, os caminhos de seu crescimento. A criação de polos de desenvolvimento como os de gemologia e informática e a própria atividade turística, prometem colocar Brasília num rumo coerente com seus objetivos. Nesse caso se inclui também a criação do porto seco, já em fase de implantação. Mas exigentes de capitais e tecnologia, estas alternativas atendem apenas parcialmente às necessidades do DF. É preciso que se descubram atividades preservadoras do meio ambiente que, ao lado do turismo e da construção civil, possam absorver a crescente e pouco qualificada mão de obra que aporta a Brasília. Nossos vizinhos dão o exemplo.